

**O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos
constituintes do mundo fenomênico**

*The Little Prince and complexity: a weave of knowledge and constituent events of the
phenomenal world*

Carlos Alex Alves
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Campus Bauru, São Paulo, Brasil
Sônia Regina Muchinski
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a obra literária “O pequeno príncipe” de Antoine De Saint-Exupéry, na perspectiva do pensamento complexo e como este se desvela enquanto tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico. O diálogo partiu da seguinte questão epistemológica: como a obra literária “O pequeno príncipe”, vislumbrada na perspectiva do pensamento complexo, se desvela na racionalidade do mundo fenomênico? Os principais teóricos que embasaram a pesquisa foram Edgar Morin, Antoine de Saint-Exupéry e Daniel Link. Nesse sentido, empregou-se como possibilidade metodológica os seguintes operadores do pensamento complexo de Edgar Morin: Princípios Dialógico, Hologramático e Recursivo. As análises realizadas revelaram que a obra se mostrou uma fonte inesgotável de articulações complexas, dialógicas, hologramáticas e recursivas na compreensão do mundo fenomênico.

Palavras-chave: Pensamento Complexo. Pequeno Príncipe. Mundo Fenomênico.

Abstract

The goal of this article is to analyze the literary work "The Little Prince" by Antoine De Saint-Exupéry, from the perspective of complex thought, and how it reveals itself as a fabric of knowledge and events that constitute the phenomenal world. The dialogue was based on the following epistemological question: how does the literary work "The Little Prince", seen from the perspective of complex thought, reveal itself in the rationality of the phenomenal world? The main theorists that supported this research were Edgar Morin, Antoine de Saint-Exupéry, and Daniel Link. In this sense, the following operators of Edgar Morin's complex thought were used as methodological possibilities: Dialogical, Hologramatic, and Recursive Principles. The analyses performed revealed that the work proved to be an inexhaustible source of complex, dialogical, hologramatic, and recursive articulations in the understanding of the phenomenal world.

Palavras-chave: Complex Thought. Little Prince. Phenomenal World.

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

Introdução

O pequeno príncipe é um clássico literário de Antoine De Saint-Exupéry (1900-1944) de teor filosófico e poético que pode desvelar mistérios acerca da vida humana e do mundo fenomênico, tanto em partes constitutivas de um todo (e não de “o todo”) quanto numa totalidade percebida em partes desse todo.

Sua leitura se revela de modo personificado, subjetivo. Como todo clássico, não se sabe se é o leitor que lê o livro ou é o livro que lê o leitor. Logo, cada leitor tem um olhar livre, um pensar novo, um saber, uma compreensão, uma dialogia, uma recursividade, uma holografia, um emaranhado interpretativo de acontecimentos distintos, complementares e/ou antagônicos. Enfim, uma experiência única, múltipla, contextual, global, multidimensional, complexa!

E aqui vale uma ressalva *a priori* de suma importância: a noção de complexo assumida neste trabalho não evoca o sentido de complicado ou de difícil. Também não se apresenta como núcleo vital da completude, muito embora o antagonismo da incompletude/completude esteja na égide da complexidade.

Perguntemos, então: o que é a complexidade? E deixemos Morin (2005, p. 13) nos responder: “a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”. Articulando “O pequeno príncipe” com o pensamento complexo, tem-se uma obra tecida de forma conjunta, heterogênea, histórica, cultural, social, plural, humana, terrena, planetária, afetiva e visceral. Uma tessitura de saberes constituintes do mundo fenomênico imbricada de doxos e paradoxos.

Perguntemos mais uma vez e tentando ir mais longe: o que é a complexidade? E novamente evocamos à palavra Morin (2005, p. 13): “num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico”. A leitura de “O pequeno príncipe” na perspectiva do pensamento complexo nos revela traços de acontecimentos tecidos e emaranhados de acasos, incertezas e ambiguidades: amor/ódio, alegria/tristeza, plenitude/vazio, vaidade/humildade, materialismo/desapego, planetas grandes/pequenos, morte/vida, inteligência/cegueira, persistência/desistência.

Portanto, é sob o olhar da complexidade e lançando mão dos seus princípios dialógico, hologramático e recursivo que propusemos desenvolver este trabalho de cunho reflexivo e investigativo articulando, ligando e religando as obras “O pequeno príncipe” e o “Pensamento Complexo” de Edgar Morin (2005) com o mundo fenomênico. Nesse sentido, fomos levados à seguinte questão de pesquisa: como a obra literária “O pequeno príncipe”, vislumbrada na perspectiva do pensamento complexo, se desvela na racionalidade do mundo fenomênico?

Longe de qualquer pretensão ambiciosa e/ou insensata de apresentar respostas prontas e acabadas para esta curiosidade epistemológica, vislumbra-se fomentar o surgimento do novo no sentido amplo e plural do termo: novos problemas, novas perguntas, novas descobertas, novas compreensões, novos olhares e outros caminhos que possibilitem a construção e religação contínua da tessitura de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é investigar como a obra literária “O pequeno príncipe”, na perspectiva do pensamento complexo, se desvela enquanto tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico.

Pretende-se, a partir destas constatações, problematizar a questão apontando relações de convergência e/ou antagonismos entre as obras vitais assumidas na investigação no trato de desvelar uma (dentre várias possíveis) trama de saberes e de reflexões acerca dos múltiplos acontecimentos envolvendo nosso mundo observável, nosso mundo fenomênico.

A intenção é fazer comunicar-se os diferentes tipos de conhecimentos – poético, literário, imaginário, lógico, filosófico, epistemológico, científico – para qualificar nossa compreensão e comunhão com o mundo observável nos seus heterogêneos acontecimentos – enxergando melhor o mundo e melhor nos enxergando nele.

Referencial Teórico

A obra literária “O pequeno príncipe” foi escrita por Antoine de Saint-Exupéry, nos Estados Unidos, em 1943. O escritor nasceu na França em 29 de junho de 1900, era piloto de avião e, inclusive, voou no Brasil. Sua vida mistura-se com sua obra de tal modo que um acidente aéreo sofrido em 1935 pode ter inspirado sua obra-prima. O piloto-escritor participava de uma corrida aérea entre Paris (França) e Saigon (Vietnam), quando sofreu

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

uma pane no deserto do Saara e foi resgatado junto com seu navegador após quatro dias do acidente.

No dia 31 de julho de 1944, após decolar da ilha da Córsega, no Mar Mediterrâneo, para uma missão de reconhecimento, seu avião desapareceu. O corpo de Saint-Exupéry nunca foi encontrado. Apesar da vida breve, Saint-Exupéry nos deixou sua obra literária, que atravessa os tempos, línguas e culturas, e como todo clássico está sempre aberto a novas articulações e leituras.

A obra “O pequeno príncipe” conta com uma trama de personagens caricatos habitantes de vários planetas, o piloto, a raposa, a rosa e a serpente, com os quais o personagem principal dialoga, envolvidos em acontecimentos plurais e heterogêneos. Este clássico da literatura infantil, mas também adulta, apresenta e agrega em seu enredo múltiplos personagens constitutivos de uma viagem genial do pequeno príncipe por vários planetas, tendo como personagens fundamentais da história o próprio autor/narrador do livro – na figura de pintor/desenhista e depois como piloto de avião – e o pequeno príncipe – habitante do planeta asteroide B 612.

Nesse sentido, tanto o livro, escrito em 1943, quanto o filme envolvendo essa obra literária, produzido em 2015, abrangem discussões acerca do humanismo, do existencialismo, da infância, da criatividade, de como é possível perder os laços com nosso lado criança com a passagem para a vida adulta e com o valor das coisas simples e importantes.

Procurando nos lembrar da nossa criança esquecida, o autor dedica a obra a seu melhor amigo: “eu dedico então esse livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia crianças (mas poucas se lembram disso). Corrijo, portanto, a dedicatória: a Léon Werth quando ele era criança.” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 2).

A fim de embasar teoricamente nossa pesquisa, realizamos buscas de artigos e do ponto de vista das pesquisas acadêmicas, não encontramos uma produção significativa de trabalhos envolvendo a temática no cenário brasileiro, conforme verifica-se, por exemplo, nos artigos publicados *on-line* no site SciELO/Brasil. Um trabalho encontrado que aborda a obra literária é o de Link (2015). O autor discute a questão central da infância não como um estado evolutivo, mas como um estado da imaginação em um viés crítico, reflexivo,

filosófico e de uma ética da ação seguindo a ordem das razões da vida de Antoine de Saint-Exupéry e de suas relações com sua escrita de “O pequeno príncipe”.

Nesse sentido, Link (2015, p. 13) aponta que “somente compreendendo o texto como predicado de uma vida (não a vida como predicado de um texto), se perceberá seu lugar em uma fantasmagoria”. Desta forma, a leitura da obra implica conhecer razões primeiras e últimas da vida do seu autor no seu movimento histórico, cultural e social enquanto sujeito em uma fantasmagoria – discutida por Link (2015) no sentido paradoxal do imaginário da infância e o imaginário pedagógico-cultural-familiar sobre a infância; da cultura do consumismo industrial e da infância; da infância como mercado e a da infância como estado de imaginação; do avião e do menino; do menino adulto e do adulto que busca regressar a sua infância; das figuras, dos fantasmas e das lógicas.

Desta forma, Link (2015) organiza o conto considerando essas relações de identidades imaginárias em um esquema de onze seções. Conforme a figura 1:

Tabela 1 – Esquema d’O pequeno príncipe organizado por Link (2015)

CAP. I	Infância do narrador	"6 anos"
CAP. II	Reencontro com a infância no deserto	"Há seis anos"
CAP. III-VI	Lugar da infância: planeta próprio	<i>Melancolia, ennui</i>
CAP. VII-IX	Pânico da infância	(A rosa: o feminino)
CAP. X-XV	Planetas menores	Diálogos com o social
CAP. XVI	Chegada ao sétimo planeta	
CAP. XVII-XXI	Diálogo com as flores: no centro, ECO	Diálogos com o natural
CAP. XXII-XXI	Diálogo com a raposa	Diálogos com o social
CAP. XXIV-XXV	Experiência	Tesouro escondido
CAP. XXVI	Desaparição da infância	
CAP. XXVII	Retorno à sociedade	(reenclausuramento)

Fonte: Link (2015, p. 11).

O esquema apresenta três entradas principais: os capítulos, os momentos vitais do autor e as dimensões temporais, sociais, afetivas e culturais circunscritas a estes momentos. Dessa forma, o quadro sintetiza que Link (2015) compreende este conto no bojo da noção de fantasmagoria. Ademais, o conto também é sintetizado de forma escrita nos seguintes termos lógicos:

Do relato de aventuras, O pequeno príncipe toma o sistema de prova/aprendizagem. Da sátira, a crítica social (a viagem pelos planetas menores). Da ficção científica, o viajante extraterrestre que está, por isso mesmo, em situação de radical exterioridade em relação à humanidade. E como a situação de exterioridade se reduplica pela simples razão de que se trata de uma criança, não há forma de evitar pensar no viajante interplanetário a não ser como duplo especular do viajante humano. (LINK, 2015, p. 10-11).

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

Assim sendo, observa-se explicitamente o teor poético, literário, filosófico, ético e imaginário tendo como objeto paradoxal o processo de humanização e existência da criança *na e para* a vida adulta no mundo planetário.

Desta forma, Link (2015) aponta a importância da infância nesse processo de humanização, de existencialismo, de desenvolvimento imaginário, da criatividade e conjectura a obra literária como sendo:

Um dos mais célebres textos que "ensinam a imaginação" (apontada como fonte e, inclusive, como refúgio do imaginário). O pequeno príncipe seria, nessa perspectiva, um texto emblemático sobre as relações que poderiam ser estabelecidas entre leitura, imaginação e infância. (LINK, 2015, p. 1).

Na citação supracitada, o autor destaca o potencial de relações passíveis de serem estabelecidas entre inúmeros caminhos e a mobilização de saberes em torno da obra, tais como a leitura, a imaginação, a infância e o saber imaginário, respectivamente. Sendo assim, entende-se a possibilidade de vislumbrar tal obra literária em articulação com o pensamento complexo de Edgar Morin, no sentido de estabelecer novas relações de tessitura de saberes e acontecimentos heterogêneos do mundo fenomênico.

“O pequeno príncipe” apresenta uma bela história com múltiplos personagens constitutivos de uma viagem genial marcada por certezas/incertezas, ordem/desordem/organização, pela condição humana, pela identidade terrena e pela ética do gênero humano. E aqui ousa-se dizer que não seria nenhum exagero relacionar este conto infantil ao pensamento complexo, fazendo comunicar os saberes poéticos, literários, filosóficos, científicos, imaginários, lógicos e empíricos.

Nesse sentido, um problema-desafio central posto por Morin (2005), é considerar a complexidade de modo não simplificador, não reducionista. Para o autor, os modos simplificadores de conhecimento tendem a mutilar as realidades e fenômenos, produzindo mais cegueira do que elucidações. Ademais, o autor aponta que para compreender o problema da complexidade é preciso saber primeiro que há um paradigma simplificador.

Edgar Morin (1998; 2000; 2005) situa o paradigma/princípio/pensamento simplificador a partir de duas ideias principais: a redução e a disjunção. A primeira preza apenas a unidade do fenômeno observado/estudado, excluindo suas multidimensionalidades, a exemplo da visão reducionista da diversidade cultural, sustentado pelo discurso vazio de que todos somos iguais, ou da visão unidimensional do homem. Por

sua vez, a segunda preza por considerar o múltiplo do fenômeno observado/estudado, mas incorre no equívoco cartesiano de separar a realidade complexa em realidades menos complexas, mediante a fragmentação ou mutilação dos fenômenos. E em ordem desintegrada/separada/isolada/despedaçada, é plausível evocar os mesmos exemplos supracitados da diversidade cultural e da visão desintegrada da humanidade.

Dessa forma, ao considerar a comunicação e o estabelecimento de relações, seja na ciência, seja na educação, seja na sociedade ou no mundo fenomênico como um todo, que considera suas partes constitutivas e integradoras, Morin (1998) clarifica o problema imposto do pensamento simplificador dizendo que:

A simplificação aplicava-se a esses fenômenos por separação e redução. A primeira isola os objetos não só uns dos outros, mas também do seu ambiente e do seu observador. É no mesmo movimento que o pensamento separatista isola as disciplinas umas das outras e insulariza a ciência na sociedade. A redução/unificação daquilo que é diverso ou múltiplo, quer àquilo que é elementar, quer àquilo que é quantificável. Assim, o pensamento redutor atribuía "verdadeira" realidade não às totalidades, mas aos elementos; não às qualidades, mas às medidas; não aos seres e aos entes, mas aos enunciados formalizáveis e matematizáveis. (MORIN, 1998, p. 27).

Assim sendo, em superação ao pensamento simplificador disjuntivo e reducionista que busca controlar e dominar o real, o pensamento complexo busca lidar, dialogar e negociar com a realidade. De maneira geral, o pensamento complexo quebra a ideia cartesiana bidimensional e propõe interconectividades transdisciplinares, refutando frontalmente o pensamento reducionista mutilador sem, contudo, negá-lo (SISTHERENN; OLIVEIRA, 2020). Desta forma, a complexidade realça que:

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. (MORIN, 2002a, p. 89).

A complexidade se revela como um pensamento que une, religa, articula conhecimentos e fenômenos distintos, complementares e antagônicos. Contudo, não desconsidera suas singularidades e individualidades em suas partes constitutivas. Desta forma, Morin (1998) situa a complexidade da seguinte maneira:

A complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. (MORIN, 1998, p. 177).

É nessa direção, portanto, que propomos buscar estabelecer relações entre a obra “O pequeno príncipe” à luz da complexidade, articulando conhecimentos diversos na possibilidade de melhor compreender o mundo fenomênico. Dizemos melhor, pois somos conscientes de que a complexidade não é receita nem resposta, mas desafio e motivação para pensar. Também pelo fato de reconhecermos a complexidade no cenário da incompletude do conhecimento, e não como algo que se manifesta complicado ou que propõe a completude pronta e acabada do conhecimento (MORIN, 1998; 2000; 2005). O autor afirma que: “a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as Informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões.” (MORIN, 1998, p. 177).

A complexidade é um desafio-problema que busca dialogar com o século XXI. No âmbito educacional, por exemplo, Morin (2000) elucida setes saberes para a educação do futuro: (i) as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; (ii) os princípios do conhecimento pertinente; (iii) ensinar a condição humana; (iv) ensinar a identidade terrena; (v) enfrentar as incertezas; (vi) ensinar a compreensão; e (vii) a ética do gênero humano.

Estes saberes não se revelam como meros conteúdos disciplinares, mas como ideias essenciais da complexidade para dialogar com o real, para comunicar-se com o universo compreendido como um sistema aberto constituído por princípios antagônicos de ordem/desordem/organização em relação constante e indissociável. Nesse sentido, corroboramos com Morin que “para conceber o mundo dos fenômenos, precisamos sempre conceber um jogo combinatório entre ordem/desordem/interações/organização...” (MORIN, 1998, p. 217).

Por meio destes princípios é que buscamos investigar de que maneira esta obra literária, vislumbrada na perspectiva do pensamento complexo, se desvela enquanto tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico, sob o núcleo vital da complexidade, para “organizar conhecimentos de modo que estes possam dialogar entre si e fazer parte da vida humana, como se formassem uma colcha de retalhos costurados com harmonia e perfeita combinação de cores.” (MORIN, 2000, p. 3).

Metodologia

O contexto da investigação abarca a disciplina de Cognição, Aprendizagem e Complexidade, ofertada no 1^o semestre 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e sua produção advém da seguinte tarefa disciplinar: relacionar o poema “Metades” de Osvaldo Montenegroⁱ com outra obra literária/poética/musical, interpretando e articulando com os princípios do pensamento complexo desenvolvidos na disciplina.

A escolha pela obra literária “O pequeno príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry, além do gosto pessoal pela fábula, advém da constatação da possibilidade teórica de articulação de trechos e imagens da história com os princípios da complexidade de Edgar Morin. Os trechos e imagens selecionados para a análise foram escolhidos pelos autores por apresentarem potencial de articulação com os princípios da complexidade.

Nesse sentido, empregou-se como possibilidade metodológica a articulação de trechos e imagens selecionadas da obra com os seguintes princípios, ou operadores do pensamento complexo, segundo Edgar Morin: (i) o princípio dialógico; (ii) o princípio recursivo; e (iii) o princípio hologramático.

O princípio dialógico, como operador da complexidade, surge da constatação de que na realidade há forças opostas e complementares atuando e lutando entre si, sendo esta dialógica a força que mantém a realidade funcionando. Segundo Morin (2005, p. 300), “dialógica é a unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instancias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam uma da outra, se completam, mas também se opõem e combatem”.

Na dialógica há convivência e não superação dos conflitos entre os princípios antagônicos como razão/emoção/afeto, ordem/desordem/organização estabilidade/instabilidade/movimento, tese/antítese/síntese. O princípio dialógico permite manter a dualidade no seio da unidade, em relação constante e indissociável. É a tensão de oposição entre esses princípios antagônicos que garante o movimento da vida.

Como segundo operador, o princípio recursivo rompe com a ideia linear de causa e efeito, uma vez que o efeito retorna sobre a causa em um ciclo autoorganizador e produtor. Nas palavras de Morin (1999, p. 108), “um processo recursivo é um processo em que os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causa e produtores daquilo que os produziu”.

Na circularidade recursiva, os indivíduos produzem as sociedades nas interações mútuas e estas produzem a humanidade desses indivíduos, num processo contínuo onde os

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

efeitos são causadores de suas causas.

Já o princípio hologramático, representa o terceiro operador da complexidade e deriva da ideia de holograma, que é uma imagem onde cada ponto contém quase toda a informação do objeto representado.

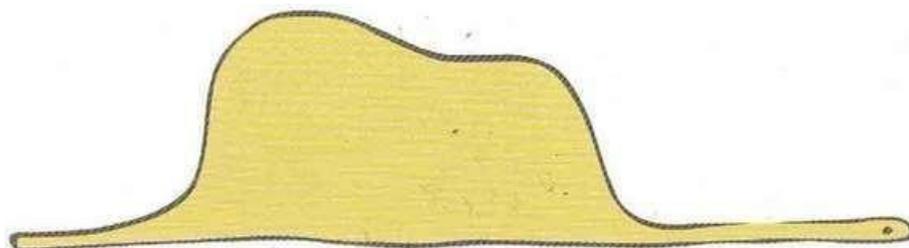
Recorrendo a Morin (2005, p. 302), temos que “o princípio hologramático significa que não apenas a parte está num todo, mas que o todo está inscrito, de certa maneira, na parte”. Nesse sentido, cada célula de um ser vivo carrega quase toda a informação da totalidade do ser: a parte está no todo e o todo está na parte.

Resultados e discussões

Como primeira constatação, observamos que a obra apresenta o próprio autor como narrador e personagem principal da fábula, indicando um primeiro traço de complexidade onde autor e obra se confundem. Em seu primeiro relato de infância, ele nos conta de sua experiência como aspirante a pintor/desenhista, e que devido a ter sido desencorajado pelas “pessoas grandes” acabou tornando-se piloto de avião. Inicia sua aventura/drama/tragédia apresentando seu primeiro desenho quando tinha seis anos de idade, representado na figura 2.

Ao ver o segundo desenho, as “pessoas grandes” o aconselharam que deixasse de lado os desenhos de jiboias, abertas ou fechadas, com elefantes no estômago, e se dedicasse de preferência à geografia, à história, ao cálculo, ou à gramática. Assim, ele abandonou, em tenra idade, uma esplêndida carreira de pintor, tal qual nos diz: “fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando [...]” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 9).

Figura 1 – Primeiro desenho do autor/narrador de “O pequeno príncipe”



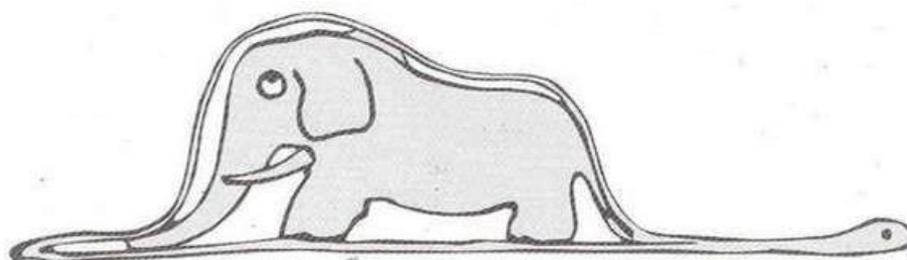
Fonte: Saint-Exupéry (2006, p. 9).

Que viera a ser o desenho? As pessoas grandes não conseguiam compreender! Julgavam sempre ser um chapéu, o que causava angústia, tristeza e muita frustração ao

piloto-pintor. Assim, um segundo desenho, em modelo de raio X, foi feito conforme Figura 2. Eis uma lição do episódio: conforme vão crescendo e ficando grandes, é comum que as pessoas abandonem suas metades crianças, supervalorizando suas metades adultas, e deixem de valorizar as coisas simples da vida impedindo que se espantem com o mundo e utilizem sua criatividade.

Dialoguemos agora com a complexidade. O desenho número 1 aponta que nem sempre o que vemos é a realidade, vemos e não vemos, temos olhos e não enxergamos. Para o pintor imerso na sua subjetividade/objetiva, seu desenho continha uma unidade bem definida: uma jiboia digerindo um elefante. Entrementes, cada olhar sobre o desenho 1 constitui um *complexus*, pois integra o observador/coisa observada na sua objetividade/subjetividade face a múltiplos olhares distintos, complementares ou antagônicos de certeza/incerteza, obvio/não obvio, velho/novo, essência/aparência, visível/invisível. E na nossa vida de pintor precisamos aprender a lidar com isso, pois a não compreensão da nossa ignorância pode significar ausência de compreensão ou uma compreensão contraditória/diversa da realidade.

Figura 2 – Segundo desenho do autor/narrador de “O pequeno príncipe”



Fonte: Saint-Exupéry (2006, p. 10).

O fato é que a complexidade agrega esse jogo dialógico de chapéus, jiboias e elefantes. Enquanto os chapéus nos prometem certa proteção na ordem/organização, os elefantes acabam por nos convocar inevitavelmente à reflexão: pense, por exemplo, as coisas que têm sido ignoradas na vida, na sociedade, na política, ou a grande massa dominada e engolida viva pela poderosa classe dominante etc. As jiboias acabam por configurar os riscos, perigos, mortes, fome, miséria, alagamentos, deslizamentos, balas perdidas, guerras, pandemia, a velha política, o negacionismo científico e educacional, acasos, assombros, a dor humana, a condição humana, a ignorância, a inteligência cega, as incertezas pelas quais precisamos aprender a enfrentar, a conviver, a superar: eis a necessidade de uma ciência com consciência! Eis a necessidade de mudarmos de via! (MORIN, 2020; ALVES, 2021).

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

Ainda nesse episódio da história, observa-se a força do olhar julgador do outro sobre a criança em formação frustrada precocemente no seu desejo de ser pintor. Quanto ao olhar impetuoso do adulto, pode acabar por fragmentar, dilacerar, mutilar o estado interno e a vida futura do sonhador e promissor pintor. Eis uma lição complexa: é preciso olhar com atenção para os promissores pintores ao nosso redor, mas é preciso também aprender a ser olhado criticamente pelo outro.

Talvez a crítica da razão pura de Kant (1987) nos ajude a perceber os limites, as possibilidades e as aplicações de conhecimento que podemos desenvolver em nós mesmos, mas talvez, um tribunal onde a razão julgue a própria razão não passe de uma bobagem, conforme Nietzsche (1987). Ou talvez a própria complexidade dê conta de nos fazer compreender que não precisamos ter respostas fechadas naquilo que somos ou fazemos, mas manter as questões abertas como desafios a superar.

De qualquer modo sigamos em frente, agregando o olhar do outro, reconhecendo que o olhar do outro sabe de nós, mas não tudo, nunca tudo, apenas metades de algumas metades que deixamos exalar ou escapar em nossos atos, olhares, desenhos, presenças, ausências, falas, silêncios. Grosso modo, tem-se que: “Marx e Engels diziam que os homens não sabem o que são, nem o que fazem. Isso é verdade, inclusive e principalmente para os próprios Marx e Engels. Isso é verdade para todos e para cada um.” (MORIN, 1998, p. 128). Uma possibilidade: “a ideia de homem foi desintegrada” (MORIN, 1998, p. 130). Em miúdos, a noção de homem é complexa e envolve, a um só tempo, todas as metades da música de Oswaldo Montenegro, os chapéus, os elefantes, as jiboias e tantas outras metades e totalidades constituintes heterogêneas de “O pequeno príncipe” e do mundo fenomênico.

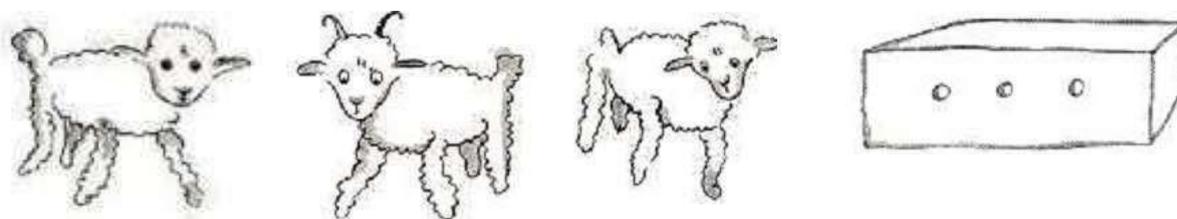
Vencido pelo olhar alheio das pessoas grandes, o pintor escolheu outra profissão e aprendeu a pilotar aviões. Sobrevoando todo mundo na busca de curar sua solidão e encontrar alguém com quem pudesse conversar e ser compreendido em sua arte de desenhar. Entretanto, é surpreendido por uma pane em seu avião quando sobrevoava o deserto do Saara. Pego de surpresa pela contingência dos acontecimentos, é obrigado a enfrentar um cenário caótico: sozinho no deserto com seu avião quebrado e suprimentos para oito dias.

Este cenário evoca a imprevisibilidade, o acaso, a incerteza, o inesperado, o jogo da vida ou da morte, o risco da fome, da sede, da alegria, da fantasia, do delírio, da solidão, do medo, da estratégia, da dialogia do *complexus* no jogo do contraditório dos

possíveis/impossíveis da vida. E eis que surge a primeira contradição no acaso: um pequeno príncipe emerge lado a lado com o piloto de avião no deserto a milhas e milhas de qualquer terra habitada, com sua demanda, no mínimo intrigante para pessoas grandes: “Por favor... desenha-me um carneiro!” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 11).

Como, segundo Saint-Exupéry (2006, p. 12), “quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer”, o piloto-pintor atendeu o pedido do seu interlocutor. Mostrou primeiramente seu desenho número 1 da jiboia fechada ao pequeno príncipe, que disse não querer um elefante numa jiboia, por esta ser perigosa e aquele ocupar muito espaço. Assim, o piloto fez uma série de desenhos até conseguir satisfazer o desejo do pequeno príncipe, conforme observa-se na figura 4.

Figura 3 – Desenhos de carneiro para o pequeno príncipe



Fonte: Saint-Exupéry (2006, p. 14).

Considerando da esquerda para direita, tem-se o primeiro desenho de carneiro que prontamente foi rejeitado pelo príncipe por ser um carneiro doente; o segundo por não ser um carneiro, observado por causa de uma parte constitutiva: os chifres; o terceiro por ser velho; e por fim, agradou-se do quarto carneiro, desenhado dentro da caixa (se olhar com olhos de pessoa grande não o verás!) e em meio a parte do *homo demens* do piloto já esgotado de paciência e entregue ao rabisco raivoso do acaso. Será pequeno o carneiro? O que você acha? Diz o piloto-pintor que sim, é um carneirinho de nada; já o príncipe refuta dizendo que não é tão pequeno assim e percebeu que ele havia adormecido. Que loucura! Que demência! Que inteligência! Que paradoxo! Que mágico! Que imaginário! Que nada! Que tudo! Que complexo!

Dialoguemos outra vez com a complexidade do mundo fenomênico. O acaso de um pequeno príncipe naquele deserto e na vida do piloto fez renascer o pintor, o desenhista, que outrora havia sido isolado pelo pensamento disjuntivo das pessoas grandes. Essa infância inconsciente do pintor como uma de suas partes constitutivas foi novamente aguçada e integrada a sua condição humana, num processo recursivo onde acontecimentos do

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

presente afetam o passado, que afeta circularmente o presente e modifica o futuro. O princípio da recursividade, segundo Morin (1999), rompe com a ideia linear de causa e efeito, uma vez que o efeito retorna sobre a causa, num processo contínuo de circularidade recursiva.

Outro tecido de acontecimentos engloba o livre olhar do pequeno príncipe sobre os diferentes tipos de carneiros: doente, velho e dormindo na caixa. Revela também o estado interno daquele que os desenhou, partes de sua totalidade naquele tempo/espço. De fato, muitas vezes nosso estado interno é refletido naquilo que fazemos, e isso pode até ser distinto, complementar ou antagônico àquilo que desejamos conscientemente, mas, ainda assim, é a subjetividade humana indissociada da coisa observada, do ambiente, do seu *cogito*, do seu *computo*, da sua *res extensa*, das suas emoções, dos seus traumas, do seu passado, do seu presente e até do seu futuro. E que nos perdoem Descartes (1983; 1986; 1988), Hume (1984) e Comte (1988). Como nos diz Morin (1998, p. 151): “o próprio poder, numa sociedade, não é força anônima”. Viva a necessidade de se ensinar com indulgência e urgência a condição humana e a ética do gênero humano (MORIN, 2000).

Ouro fato bastante complexo envolve o olhar minucioso do pequeno príncipe para distinguir o carneiro do bode entregue pelo pintor-piloto: os chifres! Observa-se, neste caso, a parte mais importante para configurar e caracterizar o todo: o bode. Eis o princípio hologramático: “o todo está na parte, que está no todo” (MORIN, 2005, p. 75). Há momentos em que é preciso olhar o todo para decifrar as partes, mas há também momentos que uma parte pode ser a melhor opção para desvendar algum mistério fenomênico. O fato é que todo- partes não sejam de um todo ou de uma parte vistos mutilados, fragmentados e isolados da sua *unitas multiplex*, pois a complexidade “nos pede para não transformarmos o múltiplo em um, nem o um em múltiplo” (MORIN, 1998, p. 180) e integra, a um só tempo e necessariamente, princípios de disjunção, de conjunção e de implicação (MORIN, 2005).

Por conseguinte, as tentativas de entregar um carneiro ideal conforme o desejo do pequeno príncipe só é alcançado pela racionalidade complexa do *homo demens*, e não pela racionalidade determinística do *homo sapiens*. Aqui vislumbra-se, por exemplo, o princípio dialógico na contribuição das contracorrentes e no jogo dos contraditórios possíveis que nos permitem esperanças de construção em meio a destruição, de avanços em meio a retrocessos e retroações, de gostar em meio ao não gostar, do estabelecimento da ordem e

organização em meio ao caos, do inacabamento em meio ao quase acabado. Nos diria Freire (1992): esperarçar!

O fato, todavia, que nos marcou daqui para frente neste episódio do carneiro e da caixa, é que em grande parte das vezes que as pessoas nos pedirem um carneiro, precisaremos oferecer-lhes uma caixa mágica, imaginária e repleta de racionalidade, ficando o carneiro a seu critério. Dado o carneiro objetivamente, esgotam-se as possibilidades, os impossíveis, as ideias, a comunicação entre as áreas do saber. Entrementes, dado uma caixa aberta, tal qual é a complexidade enquanto sistema aberto ao sujeito, ao objeto, ao ambiente e ao mundo, tem-se sua produção/reprodução/autoprodução, ordem/desordem/interação/organização de um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico aleatório e determinístico brutalmente ambivalentes e complementares.

Obviamente, tratamos de considerar “a caixa” como metáfora da verdadeira racionalidade, aquela que segundo Morin (2000, p. 24) é “aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias. Sendo ela a mesma racionalidade que “deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento”. Sendo também ela conhecedora dos “limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo”, pois sabe bem que “a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério”. Por isso e para isso, negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável de forma crítica e autocrítica (MORIN, 2000, p. 24).

Enfim, na teia de relações entre o pintor-piloto, o pequeno príncipe, o carneiro e sua caixa “conhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências” (MORIN, 2000, p. 24). Negociar, articular, religar, relacionar, distinguir, complementaridades, antagonismos, dualidades, partes-todo são marcas da complexidade que estão presentes na obra.

Suas viagens para os vários planetas, sua relação de amizade com o piloto, de amor com sua rosa e sua volta para casa, revela esse tecido de saberes e de acontecimentos do mundo fenomênico. E, como não queremos aqui entregar carneiros e sim uma caixa, precisamos, para terminar, dizer que ao nosso ver e ao nosso modo de pensar cada personagem do mundo planetário, humano, animal e vegetal encontrado pelo pequeno príncipe comporta uma metade constitutiva do ser humano, uma dimensão, um caractere,

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

um traço de seu fenótipo ou genótipo, ou ambos simultaneamente, que revelam nossas metades de um todo não total, doxal e paradoxal.

A título de provocação de possíveis articulações complexas, apresentamos algumas frases marcantes do livro “O pequeno príncipe”, nas palavras do autor, articuladas ao pensamento complexo de Edgar Morin:

i) “Quando a gente anda sempre em frente, não pode ir muito longe...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 18).

É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca do futuro melhor deve ser complementar, não mais antagônica, ao reencontro com o passado. Todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, no qual projeta aspirações e esforços. (MORIN, 2000, p. 77).

ii) E se o planeta é pequeno e os baobás numerosos, o planeta acaba rachando. É uma questão de disciplina, me disse mais tarde o príncipezinho. Quando a gente acaba a toaleta da manhã, começa a fazer com cuidado a toaleta do planeta...” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 23-24).

Estamos comprometidos, na escala da humanidade planetária, na obra essencial da vida, que é resistir à morte. Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda sua educação, que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria nos conduzir à solidariedade e à comisseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a “*ética da compreensão planetária*”. (MORIN, 2000, p. 78, grifo nosso).

iii) - Eu executo uma tarefa terrível. No passado era mais sensato. Apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...

- E depois disso, mudou o regulamento?

- O regulamento não mudou - disse o acendedor. - Aí é que está o problema! O planeta a cada ano gira mais depressa, e o regulamento não muda! (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 50).

A tecnologia tornou-se, assim, o suporte epistemológico de simplificação e manipulação generalizadas inconscientes que são tomadas por racionalidade. Aqui, é absolutamente necessário distinguir razão e racionalização. Esta última é lógica

fechada e desmentidora, que julga poder aplicar-se ao real; quando o real se recusa a aplicar-se a essa lógica, é negado ou então submetido a ferros para que obedeça: é o sistema do campo de concentração. A racionalização, apesar de desmentidora, tem os mesmos ingredientes que a razão. A única diferença é que a razão deve estar aberta e aceita, e reconhece no universo, a presença do não racionalizável, ou seja, o desconhecido ou o mistério. (MORIN, 1998, p. 112).

Considerações finais

Para além de um conto infantil, a obra “O pequeno príncipe” de Antoine De Saint-Exupéry acena para públicos de todas as idades, pois mostrou-se, em nossa pesquisa, como uma fonte potencialmente inesgotável de articulações complexas, dialógicas, hologramáticas e recursivas. Além disso, pode constituir um manual de vida para aqueles que o vislumbram na perspectiva do pensamento complexo.

Nesse sentido, o pensamento complexo foi empregado na investigação como forma de pensar, como fundamento teórico e como processo metodológico de pesquisa. Como forma de pensar, constatou-se sua essência de ser desafio-problema e não pergunta-resposta, o que significa continuar pensando e dialogando com o mundo dos acontecimentos em busca de relações (MORIN, 1998).

Como fundamento teórico, o pensamento complexo proporcionou o enfrentamento de situações pedagógicas, produção científica e articulação de saberes multidimensionais (MORIN, 2000; 2005). Destaca-se no bojo da pesquisa a tarefa da disciplina de cognição, aprendizagem e complexidade, o poema metades de Osvaldo Montenegro, a escrita deste trabalho e o desvelamento de saberes poéticos, literários, científicos, imaginários, epistemológicos e filosóficos. Parafraseando a obra “O conto da ilha desconhecida” de José Saramago, tem-se que este enfrentamento do distinto, complementar e/ou antagônico é possível e inclusivo: “Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida”.

Como processo metodológico de pesquisa lançou-se mão dos princípios da complexidade como o *complexus* de união, de articulação, de ligação, de aproximação, de reflexão, de compreensão, de dialogia dos acontecimentos constituintes do mundo fenomênico. Destaca-se a era planetária, a excessiva carga horária de trabalho, o consumismo desenfreado, o capitalismo a todo custo, o trabalho por reprodução e não por reflexão, o nosso olhar sobre nós mesmos, o nosso olhar sobre o outro, o olhar do outro sobre nós e a visão fragmentada do homem (MORIN, 2000; SAINT-EXUPÉRY, 2006).

O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico

Se muitas vezes a fragmentação do real em disciplinas e saberes isolados é inevitável, não se deve perder de vista o princípio hologramático, onde cada parte é importante na constituição do todo, e até mais importante que o todo em dados momentos e vice-versa. De igual importância é preciso romper com a ideia de relação linear de causa e efeito entre os fenômenos, buscando identificar as relações de circularidade recursiva complexas, onde os efeitos também são causadores de suas causas e vice-versa.

Nas vias de “O pequeno príncipe”, tem-se que: “O que torna belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar.” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 78). Nas vias da complexidade, “tem-se e dar-se-á a caixa e o carneiro”; mas também dar-se-á apenas a caixa, assim o carneiro fica a desejo, aos modos, aos sentimentos e aos critérios de cada pensante complexo. Eis o paradoxo da caixa!

Referências

ALVES, I. K. C. Reflexões para um mundo em crise: lições para viver melhor. **Revista Cocar**, Belém, v. 15 n. 32, mai. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4291>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

COMTE, A. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Nova Cultural. 1988 (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Discurso do Método**. São Paulo: Abril Cultural, 3ª ed., 1983. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Regras para a Direção do Espírito**. Lisboa: Editora Presença, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HUME, D. **Investigação Sobre o Entendimento Humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores)

LINK, D. Infância. **ALEA**. Rio de Janeiro. vol. 17/2. p. 199-215. jul-dez 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alea/a/hZcxmK6Y7N7TxTjKwypXsmS/?lang=pt>>. Acesso em: 12 de jul. 2021.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **O Método 3: O conhecimento do conhecimento.** Trad. Juremir Machado da Silva, 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez/UNESCO. 2000.

_____. **A cabeça bem-feita: pensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus.** Tradução Ivone C. Benedetti. Colaboração Sabah Abouessalam. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

NIETZSCHE, F. **Sobre a Verdade e a Mentira no sentido Extra-Moral.** São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe.** Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SISTHERENN, J.; OLIVEIRA, D. B. O pensamento complexo e as limitações do método científico moderno. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 30, p. 1-21, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2921>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Nota

ⁱ Disponível em: <https://youtu.be/JZ3g5WgToQw>.

Sobre os autores:

Carlos Alex Alves

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência – UNESP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7636-9195> E-mail: carlos.alex@unesp.br

Sônia Regina Muchinski

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática – UFPR, Brasil. E-mail: soniarm@ufpr.br

Recebido em: 30/11/2022

Aceito para publicação em: 03/01/2023